

INDICADORES CIENTÍFICOS PARA A POLÍCIA MILITAR: HOMICÍDIOS POR NÚMERO DE HABITANTES NA CIDADE DE GOIÂNIA - GO

Hormann Schnneyder Almeida da Silva

Oficial da Polícia Militar do Maranhão pela Universidade Estadual do Maranhão. Especializado em metodologia do ensino superior pela Universidade Estadual do Maranhão. Gerente de crise pela escola e governo do Maranhão. Intrutor de trânsito pelo Denatran.

E-mail: schnneyder@hotmail.com

Rosa Inês de Sousa Carmo

Oficial da Polícia Militar do Estado de Tocantins pela Academia de Polícia Militar de Goiás. Especialista em política estratégica pela Associação da Escola Superior de Guerra.

E-mail: rosainescarmo@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem por escopo, analisar os dados estatísticos referente ao número de homicídios cometidos na cidade de Goiânia-GO, visando ao levantamento de indicadores científicos voltados para a construção de metas para obtenção de um planejamento das ações operacionais das atividades da Polícia Militar. Foram, ainda, definidos os conceitos de criminalidade, homicídio, indicadores, sistema de medição, geoprocessamento, para que se entenda a qualidade deste trabalho. Enfatizando, ainda, a importância da utilização da ferramenta de indicadores, que proporciona um sistema de medição com capacidade para monitorar e direcionar a forma de implementação de ações que venham proporcionar uma real qualidade de serviço. Análise e discussão dos resultados com pesquisa de campo e quantificação de estatísticas.

Palavras - chave

Indicadores, homicídio, criminalidade.

Abstract

The present work had for target, an analysis of the statistical data to the numbers of homicides committed in the City of Goiânia-GO, aiming at the survey of scientific pointers directed toward construction of goals for attainment of a planning of the operational actions of the activities of the military policy. They had been still, definition of concepts of crime, homicide, pointers, system of measurement, geoprocessing, so that if it understands the quality of this work. Emphasizing still, the importance of the use of the tool of pointers, that provides a system of measurement with capacity to monitor and to direct the form of implementation of actions that come to provide one real quality of service.

Keywords

Pointers, homicide, crime.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a sociedade tem passado por diversas transformações técnicas - científicas que proporciona o desenvolvimento crescente da máquina estatal, da população, de indústrias, de comércios, etc., trazendo assim aparentemente o bem estar social de uma comunidade. Nesse sentido, em proporção paradoxal, essa evolução traz à sua margem um aumento excessivo da violência urbana. Dentro dessa ótica, é necessário mensurar alguns dados da criminalidade, a fim de avaliar a gestão da prestação de serviço na segurança pública na sociedade.

A pesquisa teve como objetivo geral levantar dados estatísticos de homicídios no período de 2005 a 2007 na cidade de Goiânia, buscando estabelecer indicador como diagnósticos de controle nos índices, para melhoria na prestação de serviço. Para atender esses objetivos foram definidos alguns objetivos específicos que buscam: mensurar os índices de homicídios; buscar outros indicadores correlacionados ao crime de homicídio e discutir as causas do aumento do crime de homicídio nos anos de 2005 a 2007.

O propósito do estudo foi valorizar as políticas preventivas no combate ao crime de homicídio, a princípio na cidade de Goiânia-GO. Apesar de o tema ser, muitas vezes, negligenciado pelo governo e sociedade, percebe-se que nos últimos anos as taxas de homicídio têm alcançado níveis assustadores, além do que o poder público estadual não vem conseguindo atender às necessidades pleiteadas pela sociedade. Com isso, torna-se necessário fazer uma gestão por meio de indicadores científicos que poderá implementar e subsidiar o planejamento de táticas para o controle de tal delito, por meio de políticas criativas de prevenção.

Foram realizados estudos para levantamentos de índices de homicídios, através de pesquisas de campo e bibliográfica, nos órgãos credenciados pelo sistema de segurança pública do Estado de Goiás, utilizando dados secundários, como tabelas e gráficos, pesquisados nos sites do Ministério da Saúde e do Centro Integrado de Operações Estratégicas (CIOE).

Preliminarmente, focalizou-se a situação dos homicídios no Brasil, incluindo uma análise comparativa com outros países. Em ato contínuo, organizaram-se as informações referentes ao crime de homicídio na cidade de Goiânia -GO, com base em suas taxas no período de 2005 a 2007, a fim de

visualizar as causas e dados que demonstraria maior incidência da natureza deste crime (homicídio). Com base no exposto, salienta-se, ainda, o desenvolvimento de um estudo da distribuição espacial de delitos que proporcionará visualizar de forma mais objetiva o trabalho de indicadores científicos de homicídios na cidade de Goiânia.

O Controle Científico de Indicadores é um conjunto de regras, conceitos e procedimentos criados para auxiliar a polícia a conhecer e monitorar melhor algumas variáveis relacionadas ao policiamento. Entre os indicadores, está o indicador de homicídios, o qual, correlacionado com outros indicadores, poderá subsidiar este trabalho no que tange ao planejamento tático das ações operacionais de combate ao crime. Esta ferramenta faz com que a polícia fique mais atenta às suas deficiências e falhas de gestão, prestação de serviço e tempo de atendimento, entre outros aspectos.

A ferramenta oferece à administração das unidades policiais, condições mais objetivas para exercer seu papel de planejamento operacional e análise dos resultados. Ela permite maior rigor científico na avaliação do desempenho institucional e a exploração, por vias melhores sintonizadas com a ciência, das sutilezas das relações entre gestão da rotina policial e eficiência contra a criminalidade. A ferramenta representa um avanço na abordagem científica da eficiência dos serviços da polícia à sociedade, fortalecendo o conceito operacional de Polícia Orientada por Resultados. Ela é uma evolução no estreitamento da relação entre policiamento ostensivo e ciência.

Sabe-se que a diminuição e o controle dos índices de homicídios podem influenciar na qualidade da gestão da segurança pública. Dessa forma, reconhece a necessidade de constante atualização da estrutura policial militar e suas práticas, onde suas tradições e seu grande porte não devem depor contra as necessidades de inovações, bem como a agilidade em se adaptar às transformações sociais que lhe são imposta.

Visando isto, o estudo volta-se para indicadores científicos na área operacional da Polícia Militar do Estado de Goiás, colhendo dados estatísticos do número de homicídios na cidade de Goiânia.

Neste contexto, faz-se necessário um estudo com o levantamento dos indicadores que estabelecerão demandas de mudanças sociais e estratégicas, possibilitando o entendimento da situação atual e ajudando a prever o estado futuro desejável, além de constituir um excelente insumo para a tomada de decisões, pois auxiliam na análise dos problemas de forma pró-ativa.

Sendo assim, utilizará a ferramenta de indicadores, como desempenho definido, sendo uma forma de representação das características de um processo ou de um produto/serviço. Serão utilizados

pela Organização Policial Militar (OPM) para controlar e melhorar a qualidade e o desempenho ao longo do tempo.

Com base no exposto acima, deduz-se que para planejar é necessário mensurar dados através de indicadores, que permitam fazer uma reavaliação das ações de conduta, buscando o aperfeiçoamento, quebrando paradigmas, abrindo assim novos horizontes que venham qualificar as ações da Polícia Militar, deixando essa cultura da prática da mesmice, de forma saber qual o motivo da atuação e como ela é feita; dando a segurança de proporcionar com qualidade a paz social, trabalhando com conscientização.

Uma organização não se define pelo seu nome, estatuto ou produto que faz, ela se define pela sua missão, pois com uma definição clara da missão é possível saber a razão de existir e tornar possíveis, claros e realistas os objetivos a serem cumpridos ou alcançados por uma organização. Essa missão não pode ser simplória no que tange a Segurança Pública, os interesses têm que ser além do combate à criminalidade. É necessário ter uma direção a trilhar, visualizando as formas de constituir segurança, destrinchando a verdade através de coletas de dados estabelecidos por indicadores que darão condições de refazer o caminho da conduta profissional, reavaliando as ações e redefinindo o comportamento da Organização.

A ausência de um sistema de indicadores de segurança tem sido um dos grandes constrangimentos, tanto para o estudo da violência e criminalidade, como para a elaboração mais racional e eficiente de programas e projetos de controle da criminalidade violenta no Brasil. Por isso resolveu-se trabalhar com indicadores de homicídio, mais específico na cidade de Goiânia, visando à mensuração de dados com informações sobre a criminalidade, violência nas áreas mencionadas, tratando especificamente do crime de homicídio, para que esse processo possa servir de base para formulação, implementação, monitoramento e avaliação das políticas de Segurança Pública.

O trabalho foi dividido em capítulos, o primeiro aborda a criminalidade em alguns aspectos do crime de homicídios; o segundo aborda os indicadores, explicando conceito, classificação, aspectos sobre a elaboração e o alinhamento deste as estratégias; já no terceiro o foco fica para a metodologia, os objetivos e a situação problema do estudo; no quarto capítulo desenvolveu-se a análise e discussão dos resultados e por fim foram apresentadas as conclusões e propostas de melhoria para a cidade de Goiânia.

CRIMINALIDADE

A população brasileira é um caso clássico de vitimologia criminal, tendo sido os índios as primeiras

vítimas, seguidas pelos negros, imigrantes, pobres, analfabetos, nordestinos, favelados, etc.

Os índios foram massacrados pelos portugueses em busca de ouro; os negros, extirpados de sua África natal, aqui foram torturados, abusados e forçados a trabalhar diuturna e gratuitamente até a morte. Quem para a colônia portuguesa veio, não conseguiu a riqueza fácil amplamente divulgada na Europa, assim, se tornou mais um pobre, que teve filhos pobres, netos pobres, bisnetos, vivendo em mocambos, sem cultura, fugindo e sobrevivendo das agressões biológicas nos trópicos (FERREIRA, 1986).

O ciclo do ouro no séc. XVI, segundo Ferreira (1986), foi banhado a sangue no interior do Brasil; o ciclo da cana, no séc. XVII é visto como o período mais cruel da sociedade brasileira, com a sua escravidão desumana e torturante; o ciclo do café, no séc. XVIII impressiona pelo controle econômico, político e social de uma minoria, fato este que determina o desenvolvimento do sudoeste e petrifica a pobreza das outras regiões; a violência no final do séc. XIX era dividida em duas: no interior, o cangaço tornara-se um símbolo da violência do coronelismo e, na capital, os vadios agiam em grupos denominados 'capoeiras', precursores do 'malandro brasileiro'.

No séc. XX várias situações contribuíram para o aumento da criminalidade. Conforme Ferreira (1986), na primeira metade deste século, surgem às indústrias nas cidades brasileiras, que atraíram parte da população, que até o momento era rural devido o país ser exclusivamente agrícola exportador. Com isso, na segunda metade deste século, houve um crescimento da população urbana obrigando o governo a investir em infra-estrutura. Assim, nas décadas de 1960 e 1970, há um grande impulso na economia, o chamado 'milagre brasileiro'.

Outra situação na década de 1970, apontada por Ferreira (1986), foi à mudança das armas utilizadas pelo 'malandro brasileiro', que antes era a navalha e que a partir dessa década passou a utilizar fuzil e metralhadora. Em outras palavras, a violência no país evoluiu com base em técnicas de guerrilhas utilizadas pelos comunistas que disseminaram suas ideologias nos presídios comuns, a qual foram submetidos pelo regime militar.

Nos anos 1980, Ferreira (1986) considera que a desigualdade social no país foi um fator predominante para o aumento da violência. O autor exemplifica essa situação com os arrastões que aconteceram no final dessa década em praias e ruas cariocas, onde grupos desciam das favelas com a intenção de furtar e roubar das pessoas que consideravam mais afortunados.

Como consequência, na última década do século XX, o Brasil, que era uma rota secundária do tráfico de drogas, assumiu o primeiro posto, deixando de ser um mero produtor/consumidor de maconha para ser

um importante núcleo do crime organizado, o narcotráfico. O criminoso tem na favela o ambiente ideal para a guarda, preparo e venda da cocaína, estendendo as suas consequências para a população ali residente, tornando-a viciada e perigosa. As palavras de Zoroastro de Paiva Ferreira essa situação, quando diz que: "sse que os 'mocambos' têm a sua origem no período colonial. Não há dúvidas de que as favelas são sintomas de subdesenvolvimento, de graves consequências sociais e focos de criminalidade, que poderão afetar toda e qualquer organização político-social" (, 1986, p. 35).

Mais adiante o autor afirma que "o viciado é um criminoso em potencial. A droga transmite uma sensação eufórica, ao mesmo tempo irrita, incita, dessensibiliza e descontrola a mente. Provocando o comportamento violento e delitivo" (FERREIRA, 1986, p. 93).

Percebe-se com esses fatos históricos que a violência não é algo recente, e a concentração da grande parte da população nas cidades, as desigualdades sociais, entre outros fatores, contribuem para a criminalidade. Apesar das peculiaridades dos atos criminais serem importantes, nesse trabalho o foco da discussão será no estabelecimento de indicadores para a PM voltados para o crime de homicídio, por isso a necessidade de apresentar o conceito, tipos e possíveis causas essencialmente, do crime de homicídio.

HOMICÍDIO

Ramos e Lima (2006, p.1) abordam que conforme a Lei "o ato de tirar a vida alheia é considerado um crime contra a vida". Portanto, os autores afirmam que este crime, na doutrina do Direito Penal é intitulado de 'homicídio'. O conceito de homicídio segundo os autores, não abrange o crime contra a vida dos seres humanos antes do seu nascimento, a este crime dá-se o nome de aborto ou feticídio.

Ramos e Lima (2006) refletem sobre os tipos de homicídios definidos pelo Código Penal Brasileiro, classificando-os em quatro tipos de homicídios: simples, qualificado, culposo e privilegiado ou preterintencional.

Ramos e Lima (2006, p.1) explicam que "para acontecer o homicídio simples, é necessário o dolo, isto é, a vontade livre e consciente exercida, objetivando como resultado a morte de uma pessoa", paralelamente, Feu Rosa (1998) chama este tipo de homicídio de doloso e ainda afirma que o praticante deste age com o objetivo de eliminar a vida de uma pessoa ou assume o risco de produzi-lo.

O homicídio qualificado é punido com mais severidade, de acordo

com as razões desse impulso criminoso, isto é, as razões que levam um indivíduo a tirar a vida de outrem, se mediante motivo torpe, motivo fútil, por meio insidioso ou cruel, por recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido e para assegurar a vantagem de outro crime; estas são as qualificadoras que designam o homicídio qualificado. No homicídio culposo ocorre uma circunstância curiosa e completamente diferente, porque nele o agente não tem a intenção, nem assumiu o risco de produzi-lo, nem tampouco se encontrava executando qualquer ato ilícito. (RAMOS; LIMA, 2006, p.1).

Feu Rosa (1998) complementa a idéia de Ramos e Lima (2006) afirmando que no homicídio culposo o delito é praticado de forma não intencional, assim determinando como a diferença básica entre o homicídio doloso e o culposo a intenção de praticar o delito.

O homicídio privilegiado ou preterintencional é aquele em que o indivíduo recebe uma pena menor, exatamente porque o Estado reconhece que houve motivos para o crime. Esses motivos, analisados individualizadamente, não seriam suficientes para justificar a eliminação de uma vida, mas de qualquer forma aconselharia uma posição menos rigorosa ou mais complacente por parte do Poder julgador. Homicídio é, portanto, um crime que, para sua consumação, exige a morte da vítima, ou seja, a agressão à vida humana. Em termos modernos, Homicídio é a destruição culpável e antijurídica da vida de um homem por outro homem. Objeto jurídico tutelado é a vida humana, considerada nas relações entre as pessoas (RAMOS; LIMA, 2006, p.1).

De acordo com os autores citados, percebe-se que o Código Penal Brasileiro define e distingue os homicídios em tipos para facilitar no julgamento sobre as intenções deste crime buscando analisar suas diferenças e causas, estipulando assim a pena prevista para cada tipo de crime. No entanto, torna-se importante identificar quais as possíveis causas que levariam uma pessoa a cometer um crime contra a vida de outra. Pois não é suficiente apenas punir por um ato já cometido, mas evitar que esse ato possa ser cometido.

Mensurar os homicídios, a região onde são cometidos, tipos e causas, entre outras variáveis deve contribuir na elaboração de um Planejamento Estratégico visando melhorar na implementação de ações para a segurança da sociedade.

INDICADORES

Manter a segurança para a sociedade não é algo fácil, já que a falta de informações precisas de um sistema de medição de desempenho que ajudem na definição do Planejamento Estratégico, acaba por limitá-lo.

O Planejamento Estratégico, conforme e Nascimento (2008, p.2), “é um instrumento de gestão que consolida um método estruturado de tomada de decisões que envolvam uma determinada situação futura e desejada, cujo principal objetivo é se antecipar o que e como fazer”. Pode-se afirmar com base no conceito de Planejamento Estratégico que para o processo de tomada de decisão deve-se estruturar um método capaz de mensurar a situação presente buscando traçar objetivos, metas e diretrizes com uma visão da situação desejada pela instituição que irá aplicá-lo.

Para compreender sobre a importância da mensuração dos indicadores para o Planejamento Estratégico e para tomada de decisão torna-se essencial conhecer seus aspectos teóricos como conceito, importância e aplicabilidade.

Callado, Callado e Almeida (2007) consideram que medir e avaliar os processos de uma organização não é uma tarefa fácil e que determinar o que medir e avaliar depende da complexidade os processos a serem avaliados, da importância das informações para o atendimento aos objetivos e metas e como serão aplicadas essas informações para o gerenciamento da organização.

Rozados (2005) complementa essa idéia explicando que para mensurar passa-se por três aspectos, primeiramente deve-se decidir o que medir, depois definir o instrumento capaz de medir o que se deseja (como medir) e por último o valor do que esta sendo medido, ou seja, o que justifica essa mensuração. A autora, com base em Geisler, aponta a importância da mensuração por indicadores, enfatizando que múltiplos indicadores são necessários para cobrir todas as dimensões e aspectos de processos complexos, atividades e resultados.

Em outras palavras Callado, Callado e Almeida (2007) concordam que para determinadas atividades e processos podem ser elaborados grupos distintos de indicadores.

Percebe-se então que vários indicadores podem ser utilizados para mensurar os processos, e que dependendo das atividades das organizações e da

complexidade das atividades cada organização poderá estipular os indicadores necessários, não podendo existir um padrão de indicadores para todas as áreas de atuação das diversas organizações.

Rozados (2005), Callado, Callado e Almeida (2007) e Rosa e Scartezini (2007) concordam que a medição é desenvolvida como intuito de controlar, prever, estimar, tomar decisões, avaliar e monitorar as estratégias implementadas pela organização. Como consequência é preciso estabelecer indicadores condizentes com cada área/atividade desenvolvida pela organização. Faz-se necessário, então definir o conceito de indicadores e como eles podem ser divididos.

O conceito de indicador é definido por Rozados (2005, p.62) como “uma ferramenta de mensuração, utilizada para levantar aspectos quantitativos e/ou qualitativos de um dado fenômeno, com vistas à avaliação e a subsidiar a tomada de decisão”.

De acordo com o Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização (GESPÚBLICA), “indicador é o dado que representa ou quantifica um insumo, um resultado, uma característica ou desempenho de um processo, de um serviço, de um produto ou da organização como um todo” (ROSA; SCARTEZINI, 2007, p.6).

Os conceitos de indicador citados pelos autores mostram a flexibilidade de um indicador de medir fenômenos diversos, e a possibilidade de criar indicadores qualitativos e quantitativos, exemplo, indicador de desempenho. Callado, Callado e Almeida (2007) e Rosa e Scartezini (2007) mostram ainda, a necessidade de reavaliar os sistemas de medição das organizações formulando indicadores de desempenho, que ajudam as organizações identificarem se a tomada de decisão teve eficiência¹ e/ou eficácia² para alcançar os resultados almejados pela organização.

Callado, Callado e Almeida (2007) salientam que definir corretamente o indicador de desempenho a ser utilizado pela organização é o primeiro passo para compreender tanto o significado deste para a instituição como a amplitude de sua aplicação.

Indicador de desempenho pode ser definido como uma forma de representação quantificável das características de um processo ou de um produto/serviço. São utilizados pelas organizações para controlar e melhorar a qualidade e o desempenho ao longo do tempo. Pode ser definido ainda como a relação entre variáveis representativas de um processo que permitem o seu gerenciamento. Os indicadores têm como objetivo dimensionar o comportamento de um processo, inclusive como seus

resultados” (ROSA; SCARTEZINI, 2007, p.6).

Rozados (2005) associa a ideia de medir é com elementos quantitativos, enquanto a ideia de verificar é associada com elementos qualitativos. Essa linha de pensamento também pode ser verificada em outros autores, como na citação a seguir.

A palavra medir deriva do latim *metiri* e significa determinar ou verificar a extensão. Medir significa a ação ou o resultado de uma comparação quantitativa, entre um padrão predefinido de uma grandeza desconhecida, com objetivo de estabelecer um valor relativo. A medição é uma operação que envolve, no mínimo, três elementos: a grandeza a ser medida, o sistema de medição e o resultado (ROSA; SCARTEZINI, 2007, p.6).

Então, com base nos autores, conclui-se que o Sistema de Medição de Desempenho é a aplicação de uma medida ou de um conjunto de medidas de suporte à tomada de decisão e às operações de uma organização que visa monitorar o alcance da missão, dos objetivos e das propriedades.

Essa metodologia consiste em práticas, procedimentos e critérios e padrões que lidam com a coleta de dados (*input*), a análise de dados (*throughput*) e a compilação de resultados de formas quantitativas ou qualitativas (*output*). O uso da abordagem sistêmica para descrever o esforço de desempenho de qualquer organização requer um estudo dos subsistemas organizacionais. Do lado do *input* dos sistemas estão as razões para coletar os dados; os critérios e normas, leis e regulamentações do governo sobre os dados que devem ser coletados; os métodos e frequências que devem ser coletados; os instrumentos usados para coletar os dados e o responsável por coletá-los. Do lado do *output* estão as diferenças, tipos de relatórios que resultam do esforço da medição; a forma como os relatórios são divulgados para os usuários primários e secun-

1 Eficiência é a relação entre o resultado alcançado e os recursos utilizados, ou seja, fazer da melhor forma possível.

2 Eficácia é a extensão na qual as atividades planejadas são realizadas e os resultados alcançados, ou seja, fazer o que deve ser feito.

dários dentro e fora da organização e a natureza das conclusões transmitidas pelos relatórios. A etapa de análise (*throughput*) envolve os estudos relativos à conversão dos dados brutos em medidas (ROSA; SCARTEZINI, 2007, p. 6-7).

Desta forma, percebe-se a inter-relação entre os elementos do sistema e os atributos do *input*, *throughput* e *output*, assim, se houver qualquer mudança em um dos elementos do sistema e/ou dos atributos podem resultar em uma correspondente mudança no caráter do sistema.

Rosa e Scartezini (2007) consideram que o Sistema de Medição de Desempenho deve ser estruturado no planejamento estratégico, quando são definidos os objetivos e as estratégias a serem desdobradas. Os autores explicam que um Sistema de Medição de Desempenho pode ser considerado bom quando as estratégias forem alcançadas de forma equilibrada entre todas as áreas pertinentes. Apresentando de forma esquemática na Figura 01-Hierarquia do Sistema de Medição de Desempenho.



Figura 1 – Hierarquia do Sistema de Medição do Desempenho. Fonte: ROSA; SCARTEZINI, Indicadores de Desempenho Organizacional. Goiânia, 2007, p.9.

Analisando a Figura 01- verifica-se que o Sistema de Medição do Desempenho esta englobando os três níveis hierárquicos de uma organização que são: nível estratégico, nível gerencial e nível operacional. No nível estratégico é elaborado planejamento estratégico da organização, seus objetivos e estratégias visando o longo prazo. No nível gerencial é feito o desdobramento dos objetivos e estratégias para as áreas e departamentos buscando os resultados em médio prazo. Já no nível operacional ocorre o desdobramento dos objetivos e estratégias

estipulados para as atividades/operações individuais com resultados em curto prazo.

Do ponto de vista de Rosa e Scartezini (2007, p.9) os indicadores são formulados, no nível estratégico, visando a “avaliação dos principais efeitos estratégicos nas partes interessadas e em causas desses efeitos refletindo os objetos e as ações que pertencem à organização como um todo, e não a um setor específico”. No nível gerencial, esses indicadores são formulados para a “verificação da contribuição dos setores (departamentos, gerências, unidades ou gestores de processos organizacionais) com estratégia e na avaliação do quanto esses setores buscam a melhoria contínua de seus processos de forma equilibrada”. E no nível operacional “na avaliação dos processos individuais com vistas à melhoria contínua e à busca da excelência”.

Constatou-se que apesar dos indicadores de desempenho estarem relacionados aos níveis hierárquicos é difícil verificar se um indicador individualmente pertence a um ou outro nível hierárquico. Tal classificação irá depender das condições e particularidades de cada organização. Por exemplo, o número de habitantes de um determinado bairro, é um indicador ou apenas um dado? A resposta é: depende. Se houver variação de quantitativo de pessoas que se mudam para o tal bairro, então é um indicador operacional, que se pode levar em conta. Se for um dos principais problemas da organização e estiver impedindo o gerenciamento da criminalidade naquela região, então pode ser considerado como um indicador de nível estratégico.

CLASSIFICAÇÃO DOS INDICADORES

De acordo Rosa e Scartezini (2007) os indicadores podem ser classificados em indicadores resultantes e indicadores direcionados, essa classificação foi definida quanto à utilização destes, no processo de tomada de decisão.

- Indicadores Resultantes (ou de efeito, ou de controle, ou *outcomes*, ou *lagging*) - são aqueles que permitem saber se o efeito desejado foi obtido, ou seja, mede o efeito após um certo tempo;
- Indicadores Direcionadores (ou causadores, ou de verificação, ou *drivers*, ou *leading*) – são aqueles que permitem analisar as causas presumidas do efeito de forma pró-ativa, ou seja, mede a causa antes do efeito acontecer (ROSA; SCARTEZINI, 2007, p.10).

Os termos mais utilizados são resultantes e direcionadores e, em inglês, *outcomes* e *drivers*. O (Quadro 1) ilustra a diferença entre estes indicadores.

Quadro 1 – Características dos Indicadores

Resultantes – <i>Outcomes</i>	Direcionadores – <i>Drivers</i>
Ligados aos objetivos	Ligados aos fatores críticos de sucesso
Baixa frequência de análise	Alta frequência de análise
Mostram o passado	Antecipam o futuro
Mais comparáveis	Menos comparáveis
Metas mais objetivas	Metas menos objetivas

Fonte: ROSA, SCARTEZINI, Indicadores de Desempenho Organizacional. Goiânia, 2007, p.11.

Rosa e Scartezini (2007), afirma que a definição de resultante e direcionadores irá depender do referencial, pois para uma determinada situação o indicador pode ser resultante e ao mesmo tempo direcionador de outro indicador.

Além da classificação desses autores para indicadores, Callado, Callado e Almeida (2007), afirmam que existem outros autores tais como: Bonfim et al (2003), Kaplan e Norton (1997) que classificam os indicadores em financeiros e não-financeiros e .Pace et al (2004) e Paula e Ishikawa (2002) que classificam em indicadores de produtividade e qualidade.

Grateron (1999, p. 10) afirma que apesar de existir diversas classificações dos indicadores a mais comum utiliza três critérios: de acordo com natureza: “são agrupados conforme critério ou atributo que se procura avaliar ou medir”; quanto ao objeto: “são agrupados devido ao alvo de medição ou avaliação”; e quanto ao âmbito de atuação: são identificados devido as variáveis de atuação se são internas ou externas a organização (Figura 2).

Natureza	Objeto	Âmbito
• Eficiência; • Eficácia; • Economia; • Efetividade; • Equidade; • Excelência; • Cenário; • Perpetuidade; • Legalidade.	• De resultado; • De processos; • De estruturas; • Estratégicos.	• Internos; • Externos.

Figura 2- Classificação dos Indicadores de Gestão

Fonte: Grateron, I.R.G. Indicadores de Gestão no Setor Público. Cadernos de estudo, São Paulo, FIECAFI, n.21, maio a agosto/1999. p. 10

As diversas classificações só corroboram para compreender que os indicadores serão elaborados para cada organização, objetivando atender as particularidades destas. Porém, para a aplicação dos indicadores é conveniente a seguir alguns critérios.

CRITÉRIOS PARA A APLICAÇÃO DE INDICADORES

Rozados (2005, p.71-72) com base nos critérios para a aplicação de indicadores divulgados pelas Normas Internacionais ISO 11620:1998, devem reunir as seguintes características:

- conteúdo informativo, ou seja, se o indicador aporta informação esclarecedora, de tal forma que se mostre útil para medir uma atividade, identificar os sucessos obtidos, localizar problemas ou deficiências para atuar na sua prevenção ou remédio. Deve auxiliar na tomada de decisão, na fixação das metas e prioridades;
- confiabilidade, indicando que ele é confiável, à medida que produz o mesmo resultado sempre que se apresentam as mesmas circunstâncias. O fato de um indicador refletir a variabilidade implícita dos dados, por exemplo, as variações sazonais ou as flutuações nas atividades de empréstimo, não significa que não seja confiável;
- validade, expressando que o indicador deve medir o que se quer medir;
- idoneidade, na medida em que deve adequar-se ao objetivo para o qual foi formulado. As unidades e escala devem ser adequadas e as operações necessárias para implantar o processo de medida precisam ser compatíveis com os procedimentos habituais dos sistemas e serviços de informação documental;
- praticidade, ao se referir ao fato de que o indicador deverá utilizar dados acessíveis, com um esforço razoável, em termos de tempo e de grau de capacitação do pessoal, custos operativos, além do tempo e paciência requeridos aos usuários;
- comparabilidade, ou seja, se o indicador é utilizado para comparar unidades e serviços de informação documental, ele deve permitir que isto aconteça. Tal fato ocorre se, uma vez levados em conta os possíveis

defeitos de exatidão, o mesmo resultado obtido significa que o nível de qualidade de serviços ou de deficiência, das unidades e serviços de informação, comparados, é o mesmo.

De acordo com Grateron (1999, p. 11) os critérios são importantes para desenhar indicadores de avaliação da gestão pública, são eles: eficácia, eficiência, e economia. A eficácia “refere-se ao grau de atendimento dos objetivos programados”. Já, a eficiência refere-se os recursos utilizados para atingir esses objetivos, “e a economia, por sua vez concerne à consideração do custo dos recursos utilizados nos processos, confrontando o que se paga por esses recursos com o que se deve pagar”. O fator comum a esses conceitos é atingir os objetivos programados.

Conclui-se que para estabelecer um indicador deve-se definir exatamente o que será medido/avaliado por este buscando atender todos os critérios tanto para o seu delineamento quanto para sua aplicação. Com a intenção de obter informações precisas para o alinhamento destes com as estratégias traçadas pela organização.

Alinhamento dos Indicadores com as Estratégias

Muitas das organizações ao escolher os indicadores não utilizam critérios, normalmente, utilizam indicadores por serem de fácil mensuração, esquecendo de verificar se estes são os mais qualificados para medir e avaliar a situação desejada pela empresa.

Diante dessa situação, Rosa e Scartezini (2007, p. 12) sugerem o *Balanced Scorecard* como uma ferramenta essencial para o planejamento estratégico, pois este, deixa de ser subjetivo, já que a “estratégia da organização é decodificada em objetivos para cada uma das perspectivas adotadas e, em seguida, são identificados indicadores que deverão medir o grau de cumprimento desses objetivos”.

Balanced Scorecard foi desenvolvido pelos professores da *Harvard Business School*, Robert Kaplan e David Norton, em 1992. Os métodos usados envolvem a definição de uma estratégia empresarial, do gerenciamento do negócio, serviço e qualidade que são implementados e mensurados por meio de indicadores.

Portanto, a partir de uma visão balanceada e integrada de uma organização, permite descrever a estratégia de forma muito clara, através de quatro perspectivas: financeira; clientes; processos internos; aprendizado e crescimento. Sendo que todos se interligam entre si, formando uma relação de causa e efeito.

Seu surgimento está relacionado às limitações dos sistemas tradicionais de avaliação de desempenho, o que não deixa de ser um dos problemas do planejamento estratégico, uma importante ferramenta de gestão estratégica.

De acordo com GESPÚBLICA em seu instrumento de avaliação do ciclo 2007, citados por Rosa e Scartezini (2007, p. 12), conceituam alguns termos importantes para o entendimento do gerenciamento de uma organização. Para os autores, a “estratégia pode ser definida como sendo o caminho escolhido para alcançar os objetivos da organização”. Os objetivos, por sua vez, representam as “prioridades da organização tornadas explícitas pelos dirigentes as quais tanto podem refletir iniciativas exclusivamente voltadas para a adequação da organização no cumprimento de sua missão, quanto em ações que visem aproximá-la de sua visão de futuro”. Desta forma, os objetivos estabelecidos devem estar encadeados de forma a representar a lógica implícita na estratégia e eles deverão ser mensurados através dos indicadores de desempenho estratégicos (*drivers* e *outcomes*) como forma de garantir que a estratégia está sendo implementada e cumprida.

Esquemáticamente, o alinhamento entre as estratégias e os indicadores estratégicos, pode ser visualizado na Figura 3.

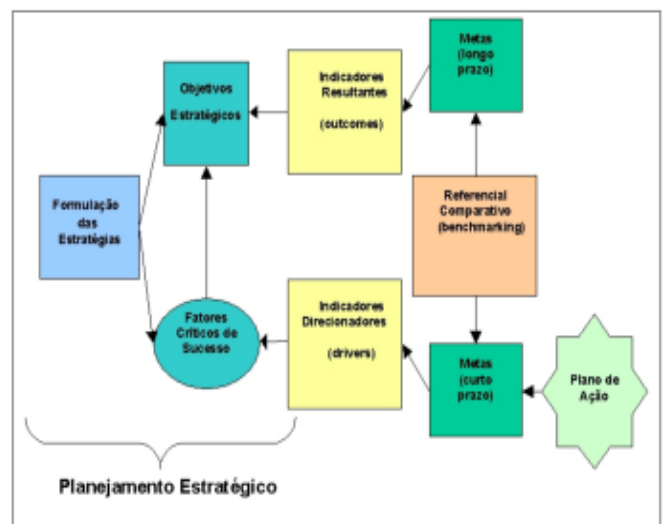


Figura 3 - Relação entre indicadores de desempenho e as estratégias da organização

Fonte: ROSA; SCARTEZINI, Indicadores de Desempenho Organizacional. Goiânia, 2007, p.13.

Neste esquema percebe-se que os indicadores resultantes estão relacionados para as metas em longo prazo, enquanto os indicadores direcionados estão relacionados às metas em curto prazo. Deve-se salientar que não é a grande quantidade de indicadores

que irão ajudar no Sistema de Medição de Desempenho, e sim, a relevância dos indicadores selecionados. Por isso, Rosa e Scartezini (2007) elaboraram um quadro de recomendações que devem ser observadas ao selecionar um indicador. Os autores afirmam que um bom indicador é aquele que consegue atender o maior número possível de recomendações discriminadas no Quadro 2.

Um bom indicador deve:
Mostrar uma relação ou taxa (percentual ou número adimensional), ao invés de uma grandeza absoluta.
Ser comparável, ou seja, deve haver facilidade na obtenção de dados similares de referenciais externos, que podem ser de empresas do mesmo ramo ou que se queira utilizar como base de comparação por serem padrão de excelência.
Ser seletivo, ou seja, captar uma característica chave do processo ou produto.
Ser simples e claro, de fácil compreensão e aplicação em diversos níveis da organização, numa linguagem acessível.
Abrangente. Suficientemente representativo, em termos estatísticos, do produto ou do processo a que se refere.
Rastreável e acessível. Permite o registro e a adequada manutenção e disponibilidade dos dados, resultados e memória de cálculo, incluindo os responsáveis envolvidos.
Baixo custo de manutenção. Gerado a baixo custo, utilizando unidades adimensionais ou dimensionais simples.
Indicadores Direcionadores (drivers), ligados aos Fatores Críticos de Sucesso, devem ser analisáveis em períodos mais curtos.
Indicadores Resultantes (outcomes), ligados aos Objetivos Estratégicos, devem ser confiáveis quando analisados em períodos mais longos.

Fonte: ROSA; SCARTEZINI, Indicadores de Desempenho Organizacional. Goiânia, 2007, p.14.

Estabelecimento de indicadores

Para um estudo visando ao estabelecimento científico de indicadores na Polícia Militar do Estado de Goiás é necessário vislumbrar um sistema de gestão avançado. Para isso, é necessária uma visão integrada de todos os seus processos, ou visão sistêmica, implementar um sistema de indicadores que reflita a lógica da estratégica, fazer jus ao uso pró-ativo desse sistema de indicadores na tomada de decisão, incorporando as práticas de gestão em todos os níveis e ter consequência clara do seu desempenho atuando de forma pró-ativa, sempre que necessário.

Dentro deste contexto, vamos, a partir dos próximos capítulos, fazer a utilização de indicadores de forma a demonstrar através de dados mensurados, realizando assim um estudo de caso na cidade de Goiânia, baseado em informações passadas através dos seguintes órgãos: Ministério da Saúde, Secretária da Justiça, Centro de Operações da Polícia Militar (COPOM), Centro Integrado de Operações Estratégicas (CIOE) e Primeiro Batalhão de Polícia Militar (BPM). Analisamos, também, a diretriz Plano de Metas Operacional da Polícia Militar de Goiás, onde sua finalidade é: Constituir uma estratégia de gestão, que terá como finalidade incrementar as ações policiais militares através do estabelecimento de avaliação

periódica da produtividade de todos os segmentos operacionais da Polícia Militar, com o foco centrado no Cidadão, sujeito ativo das ações, agora denominado cliente. Todas as ações e abordagens estarão voltadas para o cliente, o principal parceiro.

Em síntese, constituir ainda, um instrumento de transformação do modelo burocrático de gestão para um novo modelo, o gerencial, à disposição do Comando Geral para a avaliação de desempenho das OPM's / Área e monitorização dos resultados organizacionais, totalmente voltados à participação e à conquista do cliente.

Desta forma, a utilização de indicadores científicos é essencial para o de qualquer gerenciamento negócio. O seu uso reduz a subjetividade em qualquer tipo de avaliação, não gerando dúvidas sobre a eficácia das ações operacionais.

Outra ferramenta que contribuirá no planejamento estratégico da PM é o geoprocessamento que já está sendo utilizado desde a década de 1970, pela PRODAM, em São Paulo.

Segundo Pavarini et al (2008) o geoprocessamento ou Sistema de Informações Geográficas (SIG) possibilita o tratamento matemático de dados geográficos armazenando informações sobre os dados georeferenciados. Os autores apontam a existência de um caráter dual da informação geográfica, permitindo a localização, (coordenadas de um espaço geográfico) e os atributos descritivos que representam o banco de dados convencionais. Os autores ponderam sobre a transdisciplinariedade dessa ferramenta que pode ser utilizada por diversas áreas do conhecimento permitindo cruzar dados, por exemplo, do número de ocorrências com a localização dessas ocorrências.

Conclui-se que o geoprocessamento é a representação de todos os elementos que podem ser referenciados no espaço como casas, postes, outdoors, hospitais, relevo da cidade, hidrografia, vias, as localizações dos aparelhos telefônicos - exceto celular, que não pode ser localizado no espaço. A partir de objetos inseridos no "desenho geográfico" são geradas inúmeras informações, observando uma situação.

Geoprocessamento é uma das especializações da ciência geográfica. Consiste num sistema que manipula informações de um dado espaço, sintetizando-os num mapa, porém, com bastante precisão e detalhamento.

Percebe-se que o uso de técnicas de análise estatística espacial na elaboração de diagnósticos da dinâmica da criminalidade constitui ferramenta fundamental para o desenho de políticas de segurança pública e estratégias de ação operacional nos níveis geográficos mais diferenciados: ruas, bairros, municípios, estados, regiões geográficas e o Brasil como um todo, orientando o processo de distribuição de recursos de segurança pública e emprestando foco

e agilidade à ação policial.

Desta forma, conclui-se que algumas das principais contribuições que os sistemas de informação geográfica podem dar à área de segurança pública é na sua utilização como um instrumento de:

- a) Gestão policial para ações preventivas, dissuasórias e repressivas;
- b) Ampliação da segurança no trabalho policial;
- c) Suporte para implementação de políticas de policiamento e operações focalizadas;
- d) Racionalização dos recursos de polícia;
- e) Otimização dos despachos emergenciais;
- f) Avaliação dos resultados obtidos;
- g) Monitoramento e acompanhamento das ações policiais;
- h) Planejamento de políticas de segurança pública.

ESTUDO

O objetivo desse capítulo é apresentar os aspectos metodológicos que nortearam a pesquisa, apresentando o delineamento metodológico, a situação problema, a análise e discussão dos resultados.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Foram realizados estudos para levantamentos de índices de homicídios, através de pesquisas de campo e bibliográfica, nos órgãos credenciados pelo sistema de segurança pública do Estado de Goiás, utilizando dados secundários, como tabelas e gráficos, pesquisados nos *sites* do Ministério da Saúde e do Centro Integrado de Operações Estratégicas (CIOE).

Através dos dados levantados, foram criadas as possibilidades de se mensurar os indicadores, a fim de se criar estratégias de controle dos índices. Com as estatísticas levantadas, após prévio estudo, facilitaram os critérios de avaliação de plano de metas e estratégias para o processo operacional tático.

Mesmo com as divergências apresentadas pelos dados, os mecanismos para apresentar propostas de soluções não traduzem a excelência, uma vez que não existe uma coleta de dados uniformes nos setores de segurança pública no Estado.

Com isto, terão a oportunidade de levantar metas para implementar melhoria na diminuição dos índices levantados.

Situação Problema

Os indicadores são dados ou informações numéricas que quantificam as entradas (recursos ou

insumos), saídas (produtos ou serviços) e o desempenho como um todo. Os indicadores são ferramentas utilizadas para acompanhar e melhorar os resultados ao longo do tempo e que proporcionarão o planejamento e o controle dos processos da organização, possibilitando o estabelecimento de metas quantitativas e qualitativas de ensino. São fundamentais para a análise crítica do desempenho da Organização Policial Militar (OPM), para as tomadas de decisões e para re-planejamento. Nesse sentido, é fazer valer a tomada de posição, ou seja, quebrar os paradigmas, vislumbrar dados coerentes que venham capacitar o desempenho profissional do policial militar na sua atividade fim. É preciso mensurar todos os recursos técnicos profissionais, aplicando de forma a remir o tempo, a missão específica que é manter a ordem pública.

Nesse sentido justifica-se a necessidade de se levantar os dados estatísticos do número de homicídios, mensurando suas implicações no processo de melhoria na prestação de serviço na segurança pública, feita pela Polícia Militar, na medida em que o controle dos seus índices possibilita rumos estratégicos na tomada de decisões.

A pesquisa teve como objetivo geral levantar dados estatísticos de homicídios no período de 2005 a 2007 na cidade de Goiânia, buscando estabelecer indicador como diagnósticos de controle nos índices, para melhoria na prestação de serviço. Para atender esses objetivos foram definidos alguns objetivos específicos que buscam: mensurar os índices de homicídios; buscar outros indicadores correlacionados ao crime de homicídio e discutir as causas do aumento do crime de homicídio nos anos de 2005 a 2007.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Vinte e oito municípios goianos (11,4%) entraram no ranking das cidades com mais homicídios no País. Os dados estão na pesquisa “Mapa da Violência nos Municípios Brasileiros 2008”, realizada pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla), Instituto Sangari, Ministério da Saúde e Ministério da Justiça, divulgada em Brasília. Maurilândia é a cidade goiana proporcionalmente mais violenta de Goiás e aparece em 44º lugar da lista dos 556 municípios brasileiros que têm alto índice de homicídio.

Segundo Otaliba Libâneo de Moraes Neto, diretor do Departamento de Análise de Situação de Saúde, do Ministério da Saúde, são consideradas cidades de alto risco as que registraram de 29,24 a 107,2 por 100 mil. Na pequena cidade, a 251 km de Goiânia, a taxa de homicídio registrada em 2006, ano do levantamento, foi de 69,3 por 100 mil habitantes. Já a cidade de Goiânia aparece em 347º na classificação proporcional e em

17º lugar no ranking de números absolutos, com 36,4 por 100 mil.

O município considerado mais violento do Brasil é Coronel Sapucaia (MS), com taxa de 107,2 assassinados por 100 mil habitantes. Otaliba Libâneo observa que os municípios mais violentos estão nas regiões metropolitanas, nas fronteiras e nas próximas ao desmatamento da Amazônia. Ele ressalta também o alto índice de violência em municípios que são pólo de desenvolvimento, como Rio Verde.

No levantamento dos 200 municípios com maior número de homicídios na população total em 2006, além de Goiânia, há outros seis goianos: Aparecida de Goiânia, Luziânia, Anápolis, Águas Lindas de Goiás, Valparaíso de Goiás e Rio Verde.

O estudo foi elaborado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, a partir de dados coletados e organizados pelo Ministério da Saúde até 2006. Na pesquisa divulgada no ano passado, concentravam-se nesse universo de municípios 71,8% dos assassinatos no estudo atual, são 73,3%.

Outro dado da pesquisa mostra que 51,6% dos óbitos por assassinato no Brasil acontecem com jovens, número bem acima do esperado, já que a população jovem no País é de cerca de 20%, ressalta Otaliba Libâneo. Dos 100 municípios com maiores taxas de homicídio juvenil no Brasil, cinco municípios goianos registraram 40 mortes em 2006: Maurilândia, Abadia de Goiás, São João D'Aliança, Luziânia e Serranópolis.

Dentre os 200 municípios com maior número de homicídios na população jovem em 2006, estão Goiânia, Aparecida de Goiânia, Luziânia, Rio Verde, Valparaíso de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Anápolis, Formosa e Santo Antônio do Descoberto.

Outra triste constatação é que Goiânia é a sexta cidade em número de mortes por acidente de transporte, ficando atrás apenas de São Paulo, Belo Horizonte, Fortaleza, Brasília e Rio de Janeiro. O estudo mostra também os municípios com maior número de óbitos por armas de fogo. De 2002 a 2006, Goiânia ficou em 17º lugar.

O Mapa da Violência foi criado com o objetivo de preencher a falta de indicadores de abrangência nacional sobre o tema da violência letal e da criminalidade. Segundo Otaliba Libâneo, o estudo vai dar subsídios para os governos formularem políticas públicas para diminuir a violência nas cidades.

Tabela 1 – Mortes Violentas

No Planeta:	No Brasil
50% são Suicídios;	38,8% Homicídios;
30% são Homicídios;	25,3% Acidentes de Trânsito;
18% são Guerras;	19,8% Outros Acidentes;
2% outras causas.	10,2% Causas Indeterminadas;
	5,8 % Suicídios.

Fonte: Ministério da Saúde, 2005.

Na Tabela 1, sobre as mortes violentas no planeta percebe-se que 50% destas são causadas por suicídios, enquanto no Brasil do total de mortes violentas, o índice de suicídios é o menor com 5,8% das mortes. No Brasil, o maior índice de mortes violentas é o de homicídio com 38,8%, seguido dos acidentes de trânsito com 25,3% de ocorrências. No Planeta o índice de homicídios é o segundo maior com 30% de ocorrências enquanto os acidentes de trânsito nem figuram no quadro. Percebe-se que não existe uma discrepância muito alta em relação ao índice de homicídios no Planeta e no Brasil, a diferença é de 8,8% das ocorrências.

Tabela 2 - Ocorrência de Homicídios no Brasil

Onde ocorre:	Como ocorre:
Via Pública 45,9%	Arma de Fogo 62,7%;
Casa da Vítima 23,2%;	Arma Branca 19,3%;
Bares 9,0%;	Outros 18,0%.
Locais Ermos 5,6%;	Quando ocorre: 73,7% ocorrem entre as 19h de sexta-feira e 01h da segunda-feira.
Estabelecimentos Comerciais 5,2%;	
Casa do Agressor 4,7%;	
Não Informado 3,9%;	
Cela de Cadeia 2,1%;	
Outros 0,4%.	

Fonte: Ministério da Saúde

Com base na Tabela 2, observa-se que quase a metade dos homicídios no Brasil ocorre em via pública com 45,9% das ocorrências e em segundo lugar, na casa da própria vítima com 23,2%, em terceiro lugar em bares com 9%, em quarto lugar esta os locais ermos com 5,6%, em quinto lugar, são apresentados metade dos homicídios no Brasil ocorre em via pública com 45,9% das ocorrências e em segundo lugar, na casa da própria vítima com 23,2%, em terceiro lugar em bares com 9%, em quarto lugar esta os locais ermos com 5,6%, em quinto lugar, são apresentados os crimes que acontecem em estabelecimentos comerciais com 5,2% e casa do agressor aparece no ranking com 4,7% das ocorrências, enquanto não-informados, cela de cadeia e outros não somam nem 10% das ocorrências.

Destes homicídios, 62,7% são causados por armas de fogo, em segundo lugar, 19,3% com arma

branca. Um dado assustador é de que 73,7% dos homicídios ocorrem entre as dezenove horas de sexta-feira e uma hora da segunda-feira, isso mostra, que a grande maioria dos homicídios ocorrem no período do final de semana, em aproximadamente 3 dias ocorrem mais de setenta por cento dos homicídios no país.

Percebe-se com esses dados que apesar de grande parte dos homicídios ocorrerem em vias públicas, em segundo lugar ocorrem na casa da própria vítima, que às vezes implementam vários sistemas de segurança em suas residências, ficando presas em suas próprias casa não são suficientes para evitarem tal crime. Esses dados mostram a relevância de criarem outros indicadores para entenderem qual o motivo dos homicídios que acontecem tanto nas vias públicas quanto nas residências das vítimas.

Um dado importante para compreender os homicídios está no Quadro 3, que apresenta a Classificação de homicídios/motivação.

Quadro 3- Classificação de Homicídios/Motivação

Classificação	Motivação	Locais
Rural:	Propriedade	Cidades Pequenas
Passional	Honra	Cidades Pequenas
Briga	Vizinhos: Alcool	Médias e Grandes
Briga Criminosos	Tráfico	Cidades Grandes
Drogas	Consumo	Cidades Grandes
Roubo	Oportunidade	Cidades Grandes.

Fonte: Ministério da Saúde

É possível observar que a diferença na motivação para o crime de homicídios também é influenciada pela localização deste, se é em pequena, média ou grande cidade. Como na classificação dos homicídios/motivação. Por exemplo, os homicídios que ocorrem na própria casa da vítima pode ocorrer por todas as motivações apontadas no Quadro 4.

Crime não ocorre aleatoriamente no tempo e no espaço, tem uma razão e um padrão. Os crimes de Tentativa de Homicídio, Homicídio e Suicídio têm janelas, são um impulso auto-destrutivo e/ou vingativo que não dura para sempre. Durante essa janela, o acesso a armas de fogo multiplica o risco de morte, passada esta fase o impulso do suicida ou homicida se reduz ou, até mesmo, acaba.

Segundo dados da UNESCO, de 60 países analisados, em apenas 6 o número de homicídios é superior ao de mortes por acidente de trânsito. Dentre estes está o Brasil e mais 3 países da América Latina. Em 49 desses países o número de suicídios é superior ao número de homicídios, dentre as exceções está o Brasil e mais 7 países da América Latina. A América Latina é a região onde mais ocorrem homicídios no mundo: 30 mortes para cada 100.000 pessoas ao ano, o triplo da média mundial.

O PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD) diagnosticou que 2,8% da população mundial o Brasil responde por 11% de todos os homicídios do planeta. É o segundo País que mais mata utilizando armas de fogo, terceiro em Homicídios contra Jovens e quarto colocado em Homicídios no Geral. Nosso País é o terceiro mais violento da América Latina, perdendo somente para a Colômbia (Guerra Civil há 40 anos/Tráfico de Drogas/Paramilitares) e a Venezuela (Miséria/Corrupção/Milícias).

Estatísticas da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) mostram que ocorrem no Brasil ao ano, 27 Homicídios para cada 100.000 habitantes. 20% da população jovem não trabalham e nem estudam. Nos últimos 10 anos cresceu 63% o número de vítimas entre 14 e 17 anos. A maioria das vítimas é da raça negra, 73% a mais que a população branca vitimada.

As fronteiras são locais violentos em todo o mundo. Comparando a taxa média de homicídios no período de 1996 a 2002, verifica-se que: nos municípios fronteiriços as taxas são de 17,7 para cada grupo de 100.000 habitantes; nos municípios que não estão nas fronteiras, mas que estão em Estados fronteiriços com taxas de 14,1; nos municípios em que os Estados não estão nas fronteiras, ocorreram 11,2 homicídios. Desta forma, a taxa nos municípios do Estado de Goiás deveria permanecer próxima a 11,2.

Na criminalidade do interior 72% dos homicídios (2002-2004) ocorreram em 10% dos municípios, onde vivem 42% da população brasileira. Dos 10 municípios com maiores taxas de Homicídios no Brasil, seis estão localizados no Centro-Oeste. Até 1999, as taxas de violência cresciam entre 5% e 6% ao ano nas capitais e regiões metropolitanas, desde então, estagnou e passou a crescer no interior.

O número de vítimas solteiras equivale ao dobro das casadas, ocorrem sete homicídios contra homens para cada homicídio contra mulher. Mata-se no Brasil 40 vezes mais que na Inglaterra, França, Alemanha, Áustria, Japão e Egito, em quatro anos de conflito no Iraque morreram 63.000 pessoas. Somente em 2004 foram assassinadas 48.345 pessoas no Brasil.

Tabela 3 - Homicídios no Mundo

Inglaterra	0,1;
Japão	0,6
França	0,8
Portugal	1,6
Peru	1,7
Itália	1,9;
Chile	5,4
Uruguai	5,5
EUA	6,0
Argentina	7,3
México	9,9

Fonte: Ministério da Saúde

Em 1980 ocorreram 14.000 assassinatos no Brasil, no ano de 2004 foram 48.000 homicídios, o que significa um aumento real de 245% em 24 anos. Entre 2003/2005 foram recolhidas 500.000 armas.

Tabela 4 - Homicídios no Brasil (por 100.000 hab)

Pernambuco	50,7
Espírito Santo	49,4
Rio de Janeiro	49,2
Rondônia	38,0
Distrito Federal	36,5
Alagoas	35,1
Mato Grosso	32,1
Amapá	31,3
Mato Grosso do Sul	29,6
São Paulo	28,6
Paraná	28,1
Goiás	26,4

Fonte: Ministério da Saúde

Tabela 5 - Homicídios em Goiás (por 100.000 hab)

2002	570
2003	654
2004	902
2005	896
2006	1.022
2007 (até fevereiro)	176

Fonte: Ministério da Saúde

De acordo com as tabelas 4 e 5, percebe-se que a incidência de homicídios em Goiás por 100.000 habitantes foi aumentando, em 2002 a ocorrência era de 570 homicídios, já em 2006 essa incidência passou para 1.022, ou seja, quase que dobrou.

Tabela 6 - Homicídios em Goiás por número de ocorrências (2006) – 10 piores

Goiânia	204
Aparecida de Goiânia	120
Luziânia	90
Anápolis	42
Valparaíso	38
Novo Gama	32
Formosa	31
Cidade Ocidental	25
Trindade	23
Santo A. do Descoberto	20

Fonte: Ministério da Saúde

Analisando os dados da tabela 6, percebe-se que as maiores ocorrências de homicídio em 2006 ocorreram na região próxima a capital de Goiás, Goiânia e nas cidades mais próximas da Capital do país Brasília. As cidades com maior índice de homicídios também são as cidades com maior população do estado de Goiás, Goiânia e Aparecida de Goiânia.

Tabela 7 - Evolução em Goiás (1997-2006) por número de ocorrências

Cidade	1997	1998	1999	2002	2003	2004	2006
Goiânia	226	233	318	439	430	433	204
AP de Goiânia	20	26	41	132	109	130	120
Luziânia	52	16	06	52	77	94	90
Anápolis	45	30	42	46	51	74	42
Valparaíso	01	04	04	27	33	45	38
Novo Gama	08	10	08	23	34	29	32
Formosa	19	18	19	35	28	24	31
Cidade Ocidental	04	00	03	03	10	12	25
Trindade	04	05	06	16	15	16	23
São Antonio da Descob.	13	07	08	27	16	20	20

Fonte: Ministério da Saúde

Com base na tabela 7, é possível concluir que apesar de Goiânia ser responsável pelo maior índice de homicídios do Estado, esses valores aumentaram no período de 1997 a 2004, com índices 226 e 435 respectivamente e diminuiu quase pela metade no período de 2004 a 2006, onde saiu de um índice de 435 para 204 ocorrências. Já em Aparecida de Goiânia, cidade com o segundo maior índice do Estado de Goiás, em 1997 estava com um índice de 20 ocorrências, que teve seu maior índice em 2002 com 132 ocorrências.

Tabela 8 - Homicídios e tentativas de homicídios em Goiânia (2006) por companhia

1ª BPM	154	13ª BPM	250
7ª BPM	143	29ª CIPM	61
5ª CIPM	89	28ª CIPM	44
1ª CIPM	75	6ª CIPM	28
9ª BPM	72		

Fonte: CIOE

Tabela 9 - Homicídios e tentativas de homicídios em Goiânia (2006) por bairro

Curitiba, V. Mutirão e São Carlos	143	R. Minas Gerais, Dom Fernando e Jd. Aroeiras	43
Centro, Vila Nova e Universitário	73	Campinas, Rodoviário e Coimbra	42
Nova Esperança, Capuava e São Francisco	69	Vera Cruz, P. Eldorado Oeste e Cond. R. Branco	33
Jd. América, P. Amazonas e Jd. Europa	64	B. Meia Ponte, R. do Bosque e Brisas da Mata	32
SPL, Bela Vista e Redenção	63	Jardim Novo Mundo	33
N. Ferroviário, N. Vila e Uírias Magalhães	58	S. P. Ludovico	31
Novo Mundo, Vila Romana e Água Branca	46	Jd. Curitiba I	25
Jd. Guanabara	23	Jd. Nova Esperança	21
Centro	22	S. N. Ferroviário	19
Mutirão Amazonas Campinas	16	Madre Germana Vila Nova	14
Finocial Pq. Ind. J. Braz	13		

Fonte: CIOE

Tabela 10 - Homicídios e tentativas de homicídios em Goiânia (2006) por região

REGIÃO NOROESTE	325
REGIÃO SUDOESTE	150
REGIÃO LESTE	107
REGIÃO OESTE	98
REGIÃO CENTRAL	73
REGIÃO SUL	63
REGIÃO NORTE	58
REGIÃO SUDESTE	28
REGIÃO NORDESTE	14

Fonte: Ministério da Saúde

Nas tabelas 8, 9 e 10, os dados revelam a quantidade de tentativas de homicídios na cidade de Goiânia em 2006, por companhia, bairro e região. Percebe-se com base nos dados que as companhias com maior índices são 13^o BPM com 250 ocorrências, seguido do 1^o BPM com 154 ocorrências, e 7^o BPM com 143 ocorrências.

Os bairros com maior ocorrência são: Curitiba, V. Mutirão e São Carlos com 143 ocorrências, com quase o dobro de ocorrência que o segundo lugar Centro, Vila Nova e Universitário, com 73 ocorrências. E que a Região mais homicídios e tentativas de homicídios é a região noroeste.

Os gráficos a seguir mostram os homicídios que ocorreram em Goiânia no período de 2005 à 2007 de acordo com CIOE.



Figura 4 - Gráfico de Homicídios em Goiânia - 2005

Fonte: CIOE

Na Figura 4, Percebe-se que os homicídios têm índice de ocorrência maior nos meses: janeiro, fevereiro, junho, agosto e dezembro.



Figura 5 - Gráfico de Homicídios em Goiânia - 2006

Fonte: CIOE

Na Figura 5, Percebe-se que os homicídios têm índice de ocorrência maior nos meses: janeiro, agosto, setembro e dezembro.

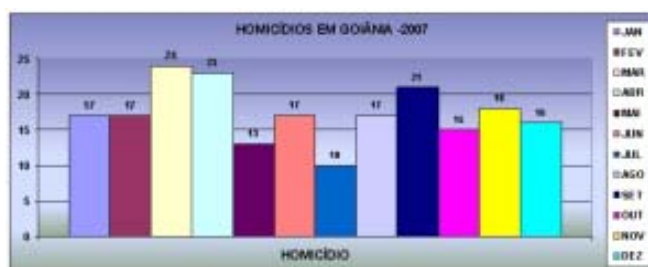


Figura 6 - Gráfico de Homicídios em Goiânia - 2007

Fonte: CIOE

Na Figura 6, Percebe-se que os homicídios têm índice de ocorrência maior nos meses: março, maio e agosto.



Figura 7 - Gráfico comparativo de homicídios em Goiânia 2005-2006-2007

Fonte: CIOE

Na Figura 7, no comparativo entre os homicídios que ocorreram nos anos de 2005, 2006 e 2007, percebe-se que esse índice vem crescendo com o passar dos anos, que em meses que antes os homicídios não figuravam com altos índices como março e maio na Figura 4 e 5, ficaram na Figura 6 com índices elevados.



Figura 8 - Gráfico do percentual do Sexo do autor dos homicídios em Goiânia - 2007

Fonte: CIOE



Figura 9 - Gráfico do percentual do Sexo da Vítima dos homicídios em Goiânia - 2007

Fonte: CIOE

De acordo com as Figuras 8 e 9, conclui-se que quanto ao sexo tanto do autor quanto das vítimas de homicídios em Goiânia no ano de 2007, a grande maioria foi do sexo masculino.



Figura 10 - Gráfico referente ao instrumento utilizado em homicídios em Goiânia - 2007

Fonte: CIOE



Figura 11 - Gráfico da quantidade de homicídios de sexta-feira à domingo em Goiânia - 2007

Fonte: CIOE

Dentro do contexto de se trabalhar com indicadores, é necessária uma análise de dados a serem levantados e mensurados pelo setor de planejamento e estatística da Polícia Militar de Goiás,

uma vez que somente agora, no ano de 2007, foram estabelecidos mecanismos sólidos de coletas de dados que possibilitem trabalhar com indicadores. Assim com o aumento excessivo da dinâmica social e econômica da cidade de Goiânia, é mister uma análise criteriosa dos modelos operacionais, com mensuração de dados que possibilite o estabelecimento de metas e planos que resultem no controle dos índices levantados.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de Homicídios na cidade de Goiânia com comparativos e diagnósticos com mensuração e análise de conteúdo. Considerando que os dados provenientes dos órgãos de segurança do Estado não atendem aos reais interesses dessa pesquisa, conforme se vê nos quadros demonstrativos anexados, houve por bem a busca de dados dos órgãos ministeriais do governo Federal, o Ministério da Saúde.

As taxas de homicídios no Estado de Goiás, segundo o site *Estados Comparados*, mostram um indicador de 17,60; 19,55; 18,55; número de homicídios por 100.000 hab, dados esses baseados no levantamento estatístico da Secretaria Nacional de Segurança Pública nos anos de 2001, 2002 e 2003, respectivamente.

Conforme demonstram os dados do Centro Integrado de Operações Estratégicas (CIOE) nos anos de 2005, 2006 e 2007, os índices de homicídios na cidade de Goiânia correspondem respectivamente a 14,38; 16,14 e 16,71 número de homicídios por 100.000 hab.

Percebe-se que há uma divergência dos indicadores analisados nos órgãos, o que dificulta ainda mais sua análise, uma vez que os dados do Ministério da Saúde se baseiam nos dados dos IML's. Enquanto que a coleta do CIOE é feita pelas informações que constam nos Boletins de Ocorrências. Isso impede uma análise com maior critério e exatidão nos números informados.

Dentro deste contexto, houve a necessidade de buscar dados em anos anteriores, visando a verificar uma mudança nos índices, haja vista que o CIOE passou a trabalhar com indicadores a partir do ano de 2005. Dessa forma, com a comparação com os anos anteriores, a coleta de dados teve uma mensuração mais exata.

Os indicadores correlacionados demonstrados nesse trabalho, como: idade, horário de cometimento do crime, sexo do autor, tipo da arma, escolaridade do autor, perfil social da localidade, local de incidência, motivação, modo de fuga, devidamente coletados e mensurados mostrariam o trajeto e *modus operandi* do crime de homicídio, podendo oferecer mecanismo para elaboração de planos e projetos de melhoria no combate aos mesmos. Indicadores estes que não foram utilizados na Polícia Militar de Goiás nos anos anteriores, que ajudariam a monitorar as localidades

com índice de criminalidade elevado, buscando uma ação pró-ativa da Polícia.

Os dados do Ministério da Saúde demonstram que 73,7% dos homicídios no Brasil ocorrem entre as 19h de sexta-feira e 01h da segunda-feira; Que 62,7% é produzido com Arma de Fogo; 19,3% de Arma Branca; 18,0% Outros.

Nessa mesma linha, os dados estabelecem que os locais de maior incidência são: Via Pública 45,9%; Casa da Vítima 23,2%; Bares 9,0%; Locais Ermos 5,6%; Estabelecimentos Comerciais 5,2%; Casa do Agressor 4,7%; Não Informado 3,9%; Cela de Cadeia 2,1%; Outros 0,4%.

Nesse contexto, percebe-se que os critérios nos levantamentos dos dados estatísticos para estabelecimento de indicadores são fundamentais para a política de qualidade na prestação de serviço, notadamente, porque os profissionais de segurança pública poderão pautar planos e metas na distribuição e formas de policiamento, atacando o crime através de estabelecimento de indicadores.

Dentro da ótica dessa pesquisa, encontramos algumas dificuldades de se estabelecer critérios para mensurar os indicadores, haja vista a inexistência de dados reais que levem a comprovação do delito de homicídio. Assim, não se pode indicar as causas do homicídio, e sim observar a dinâmica de onde acontecem, horários, locais, bairros, ruas e etc. Nessa linha de raciocínio os dados coletados serão fundamentais para se estabelecer o *modus operandi* do crime.

Para estabelecer um planejamento estratégico, a médio e longo prazos, com a manutenção dos indicadores de homicídios, é necessário a construção de um painel de bordo, que direcione e monitore objetivos. Assim, o direcionamento das técnicas e formas de policiamento será voltado pelo delineamento do painel, devidamente alimentado com informações claras, objetivas e criteriosas. Outro ponto importante, não demonstrado nesse trabalho, por falta de informações, é o estudo do perfil sócio econômico dos bairros.

Com base no exposto no trabalho a cidade de Goiânia, por estar localizada na região centro-oeste e próxima à capital do país, está sujeita a uma migração maior do crime de homicídio, considerando o aumento da população em área sem infra-estrutura que agregue uma melhor qualidade de vida. Ainda foi observado, o crescimento demográfico da cidade, com um desenvolvimento econômico e de agroindústrias.

A exemplo disto, conforme demonstram os gráficos apresentados, identifica-se o Bairro do Novo Mundo, nos três anos, com maior índice de incidência de crime de homicídio no período de 2005 à 2007. Apesar de uma análise ainda não tanto apurada,

mostra-se com a coleta dos dados recentes um caminho do crime e sua localidade de existência.

CONCLUSÃO

A discussão pública sobre a violência sinaliza por um cenário em que se tem a impressão de que a quantidade e qualidade dos atos de violência ultrapassam o limite do razoável. Para as pessoas de modo geral, a opinião pública discute a situação alarmante da sociedade brasileira em relação à violência, onde cada dia que passa qualquer um pode se tornar uma vítima. Atualmente, neste cenário são organizados seminários, fóruns de debates e encontros, para se discutir e viabilizar melhorias nos índices de violência apresentados.

Argumenta-se que a nossa sociedade sempre foi marcada pela violência e em inúmeros estudos historiográficos revelam a violência ao longo do tempo, isso se mostra desde a nossa colonização, no sistema da escravidão, nas repressões a reivindicações e lutas no campo. Há ainda a violência cotidiana entre as pessoas nas inter-relações sociais, além do que, é claro, dos resquícios da ditadura militar.

A verdade é que não parece possível estabelecer relação direta entre vários tipos de violência. As questões que envolvem cada tema são muito particulares. Entretanto, parece haver a tendência de se generalizar o fenômeno violência. A opinião pública, por exemplo, utiliza as estatísticas da criminalidade como um dos parâmetros que orienta a discussão, mesmo sem uma correlação existente entre os órgãos, o que, de certa forma, dificulta a produção de conhecimentos lógicos para o direcionamento de políticas públicas que reduzam os indicadores apresentados. Neste contexto, esta produção se dá através da extração de dados dos registros e boletins de ocorrência produzidos pelos órgãos de Segurança Pública.

O crime de homicídio tem sua raiz nas divergências entre a humanidade. Pelas estatísticas, verifica-se que os países subdesenvolvidos, pelo baixo teor econômico, têm um índice mais elevado nos crimes de homicídios. Ajunta-se a tudo isso a política educacional usada, onde a filosofia de vida é manter o homem alienado dos seus direitos e deveres a fim de se manter inalterável a estrutura preestabelecida dos poderosos sempre no poder, firmando a política da indignação entre aquelas comunidades.

É importante salientar que, nos casos das estatísticas de homicídios, o Ministério da Saúde foi o que apresentou melhor qualidade em dados estatísticos que nortearam as pesquisas que fundamentaram a este trabalho.

Conclui-se que os órgãos de segurança devem trabalhar juntos no processo de coleta de dados, a fim

de se estabelecer uma maior dinamização nos indicadores mensurados. A cidade de Goiânia vem tendo um índice aceitável de crescimento econômico, favorecendo a migração dos delitos e dificultando o trabalho de ações pro ativas. Assim, somente com mecanismos sólidos de informações palpáveis, pode-se nortear metas e planos que consigam promover uma qualidade na prestação do serviço de segurança pública.

PROPOSTA DE MELHORIA

- a) Levantamento por parte da Polícia Militar dos Bairros onde mais ocorrem homicídios, os Pontos Quentes;
- b) Solicitação ao Ministério Público para que pressione o Poder Judiciário e o Executivo Municipal visando o fechamento dos Pontos Quentes nos horários de maior incidência de homicídios;
- c) Apoiar a Polícia Civil no cumprimento de mandados de prisão já expedida por homicídio ou tentativa;
- d) Realizar operações de buscas por armas, de sexta a domingo;
- e) Reforçar o policiamento a pé na periferia nos finais de semanas principalmente próximos a bares e boates;
- f) Elaborar um Plano Estratégico de Policiamento por Bairros;
- g) Substituição do efetivo nos bairros mais violentos;
- h) Instituição da Patrulha Psicológica (Aumento da sensação de segurança e eliminação dos bairros ocultos);
- i) Criação do Batalhão Noturno/Anti-Homicídios (36% dos homicídios ocorrem das 18 às 24 h);
- j) Patrulhar as proximidades de bares e boates no período noturno dos finais de semana (85% consideram inseguro sair de casa à noite);
- k) Criar cães para vigilância residencial, doando filhotes aos moradores (45% consideram inseguro ficar em casa à noite);
- l) Criar mecanismos municipais para a troca de armas de fogo por cestas básicas;
- m) Solicitar a iluminação de ruas, praças e campos de futebol;
- n) Organizar campeonatos esportivos, preferencialmente nos finais de semana;
- o) Coordenar eventos culturais nos finais de semana: bailes nas escolas, shows em praças públicas, teatros e outros, proibindo nestes eventos a venda de bebidas alcoólicas;
- p) Incentivar a abertura das escolas públicas durante 24 horas nos finais de semana, realizando brincadeiras para as crianças, cursos de dança para adolescentes e palestras para adultos.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS-ABNT. NBR ISO 9001; **Sistemas de Gestão da Qualidade** – requisitos: ABNT, dez.2000.
- CALLADO, A.L. C.; CALLADO, A. A. C.; ALMEIDA, M. A. A utilização de indicadores gerenciais de desempenho industrial no âmbito de agroindustriais. **Sistemas & Gestão**, v.2, n.2, p. 102-118, maio/agosto, 2007.
- DIETSCHI, Daniel Augusto; NASCIMENTO, Auster Moreira. Um estudo sobre a aderência do Balanced Scorecard às empresas abertas e fechadas. **Revista Contabilidade Financeira**, São Paulo, v. 19, n. 46, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-70772008000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 Jul 2008.
- FERREIRA, Antonio José. **A arte da sociologia**. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 13, 1986.
- FEU ROSA, Cristiano. Crime doloso. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, , São Paulo, 1998, v. 13.
- GRATERON, I.R.G. Indicadores de Gestão no Setor Público. **Cadernos de estudo**, São Paulo: FIECAFI, n.21, maio a agosto/1999. p. 10. Disponível em: <http://www.eac.fea.usp.br/cadernos/completos/cad21/auditoria.pdf>. Acesso em: 17 de jun. 2008.
- KAPLAN, Robert S.; NORTON, David P. **A estratégia em ação**: Balanced Scorecard. Rio de Janeiro, Campus: 1997.
- PAVARINI, Sofia Cristina Iost et al . Sistema de informações geográficas para a gestão de programas municipais de cuidado a idosos. **Texto & Contexto - enfermagem**. Florianópolis, v. 17, n. 1, 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 Jul 2008. doi: 10.1590/S0104-07072008000100002

RAMOS, C.C.; LIMA, T. L. O conceito de homicídio. **Ciência & Consciência**. vol 1 2006. Disponível em: <http://www.revista.ulbrajp.edu.br/seer/inicia/ojs/viewarticle.php?id=158> . Acesso em: 15 Jul 2008.

ROSA, Ricardo Naves; SCARTEZINI, Luís Maurício Bessa. Indicadores de Desempenho Organizacional. Goiânia: 2007. (Apostila de aula).

ROZADOS, Helen B.F. Uso de indicadores na gestão de recursos de informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e ciência da informação**, Campinas-SP. V.3, n.1, p.60-70, jul/dez.2005 – ISSN: 1678-765X.

UNESCO, *United Nations Educational, Scientific an Cultural Organization*. Disponível em: http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=29008&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html Acesso em: jun/jul 2008.

WASELFISZ, Julio J. **Mapa da violência dos municípios brasileiros – 2008**. Disponível em: http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&lang=en&id=2313. Acesso em: 10 Jun. 2008.